

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC RAFAEL RAMOS MACHADO DOS SANTOS

A TEORIA DO PODER AÉREO DE SEVERSKY E A GUERRA IRREGULAR

Rio de Janeiro

2016

CC RAFAEL RAMOS MACHADO DOS SANTOS

A TEORIA DO PODER AÉREO DE SEVERSKY E A GUERRA IRREGULAR

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2016

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	A TEORIA DO PODER AÉREO DE SEVERSKY.....	8
2.1	Histórico sobre Seversky	8
2.2	A teoria do poder aéreo.....	8
2.3	O fim da guerra de duas dimensões e a supremacia aérea	13
2.4	Lições da “Batalha da Inglaterra” para o poder aéreo.....	14
2.5	Creta e a invasão aérea total.....	18
2.6	Posse ou eliminação	19
2.7	Conclusões parciais.....	19
3	A GUERRA IRREGULAR E O PODER AÉREO.....	22
3.1	Guerra convencional e irregular	22
3.2	As origens dos movimentos insurgentes	23
3.3	Princípios da contrainsurgência	24
3.4	Poder aéreo em cenários de guerra irregular.....	25
3.4.1	Contrainsurgência no Vietnã	26
3.4.2	OTAN contra o talibã no Afeganistão.....	31
3.4.2.1	Obstáculos geográficos.....	33
3.4.2.2	Operações recentes de Contrainsurgência pela FAA.....	33
3.4.2.3	Resgates e ações humanitárias.....	34
3.4.3.4	Apoio as eleições.....	36
3.4.2.5	Serviços bancários.....	36
3.6	Conclusões parciais.....	37
4	APLICABILIDADE DO PODER AÉREO EM CONFLITO IRREGULAR	39
4.1	Poder aéreo teórico x realidade na guerra do Vietnã	39
4.2	Teoria x realidade na aplicação do poder aéreo nas ações da OTAN no Afeganistão	43
4.3	Conclusões parciais.....	45
5	CONCLUSÃO.....	47
	REFERÊNCIAS.....	51

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me concedido muito mais que mereço e que nos ensinou que é perdoando que se é perdoado.

A minha esposa Paula, por ser simplesmente a mulher da minha vida. Dias melhores virão.

Aos meus filhos Bruna e João Gabriel, minha razão de viver.

Aos meus pais, por toda sorte de apoio e incentivo que sempre me prestaram em especial nos últimos meses nesta jornada na Escola de Guerra Naval.

Ao Capitão de Fragata (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, meu orientador, pela capacidade de motivar e pela vastidão de conhecimentos com os quais nos orientou este ano, não só na pesquisa, mas em toda a atividade acadêmica.

RESUMO

O incremento de conflitos de caráter irregular no último século, vem transformando a forma como as Forças Armadas são usualmente empregadas, ou, pelo menos, como se imaginava, deveriam ser. As Forças Armadas veem-se cada vez mais forçadas a se “reinventar” a fim de equacionar o emprego dos seus meios a esta nova realidade dos movimentos insurgentes, cada vez mais presentes na atualidade. O propósito desta pesquisa é confrontar a teoria do Poder Aéreo de Alexander Seversky (1974), com a realidade histórica da Guerra do Vietnã (1960-1975) e das ações da OTAN contra o talibã no Afeganistão (2009-2010), bem como o grau de aplicabilidade de algumas variáveis que compõem essa teoria, tendo algumas encontrado respaldo na prática, outras não. A relevância do tema reside no incremento cada vez maior de Operações Conjuntas, não só com os demais elementos do Poder Militar, mas também com os outros elementos do Poder Nacional e objetiva contribuir com algum conhecimento relativo as diferenças de ação em Guerra Regular e Guerra Irregular dado o incremento cada vez maior de ações insurgentes, podendo portanto ser de grande valia para a Marinha do Brasil. O trabalho identificou diferentes possibilidades de aplicação do poder aéreo em conflitos irregulares. O desenho da pesquisa foi realizado com base na confrontação da teoria com a realidade, onde comprovamos a aplicabilidade do poder aéreo também em cenários de guerra irregular, senão exatamente como na liturgia teórica, reinventado, graças a uma de suas principais características, a versatilidade.

Palavras-chave: Guerra Irregular. Poder Aéreo. Seversky. Guerra do Vietnã. Afeganistão.

1 INTRODUÇÃO

Com a queda do muro de Berlim, em 1989, uma nova ordem mundial veio à tona. O período de confrontos indiretos entre Estados Unidos da América (EUA) e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS), que se estendia desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), havia finalmente chegado ao fim. O mundo evoluiu para um cenário unipolar, com a permanência de apenas uma superpotência.

Dada esta nova realidade, uma série de movimentos latentes, porém sufocados pela existência das superpotências, veio à tona. A forma como EUA e ex-URSS conduziam a “guerra fria”, ou seja, como impunham um ao outro um freio as intenções expansionistas, econômicas, políticas e militares, por fim, deixava de existir. Portanto, os fatores que durante décadas impediram o surgimento de outros atores e, conseqüentemente, de choque de interesses deixou de existir. Neste novo cenário surge a organização Al-Qaeda, que com um ataque terrorista golpeou os EUA e seu domínio dos ares, utilizando-se do ineditismo na forma como a arma aérea foi empregada.

Assim surge o questionamento que deu luz a este trabalho de investigação. Propusemo-nos a verificar a aplicação do poder aéreo, aos moldes do que teorizava Alexander Seversky, em determinado nicho de conflitos, ou seja, especificamente nos casos de Guerra Irregular¹, que se intensificaram com a unipolaridade do planeta, como no caso do Afeganistão, mas que existiram também, num mundo bipolar, como no caso da guerra do Vietnã (1960-1975).

Dada a abrangência do assunto, limitaremos a investigação, na vertente dos

¹ Guerra Irregular – Confronto caracterizado pela violência entre um Estado e uma entidade não estatal, com o propósito de influenciar a população relevante, ou de se legitimar perante ela. A Guerra Irregular favorece uma aproximação indireta ou assimétrica ao conflito, de modo a degradar o poder do adversário, ou seja, sua influência e vontade (JP1-2, 2010).

conflitos irregulares, mais especificamente a insurgência² (IN) e contrainsurgência³ (COIN), abordando estes aspectos na guerra do Vietnã e nas ações da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no Afeganistão. Quanto ao poder aéreo, será limitado ao que foi teorizado por Seversky.

A pesquisa é relevante pois sua leitura permitirá uma avaliação a respeito das interações entre os poderes aéreo, naval e terrestre, cuja ocorrência é cada vez maior num cenário de operações conjuntas e de conflitos cada vez mais, senão de todo irregulares, com vertentes irregulares. Não obstante, familiarizará a audiência com este tipo de conflito pouco comum a realidade do Estado brasileiro.

O trabalho basear-se-á na confrontação do modelo teórico de Seversky com os conflitos irregulares escolhidos para o estudo, o que levou ao questionamento: há aplicabilidade para o poder aéreo em conflitos irregulares à luz da teoria de Seversky? Para respondermos a questão que nos propusemos, confrontaremos a teoria com a realidade histórica observada na guerra do Vietnã, bem como nas ações da OTAN contra o talibã no Afeganistão (2009-2010). Utilizamos para tal estudos bibliográficos, livros e artigos acadêmicos.

A pesquisa será dividida em três capítulos de desenvolvimento. No primeiro capítulo de desenvolvimento apresentaremos o teórico Alexander Seversky e sua teoria do poder aéreo, na qual ele decreta o fim dos conflitos de duas dimensões, a importância da supremacia aérea e o conceito de invasão aérea total, bem como os propósitos do poder aéreo, que podem ser a posse ou a eliminação.

No segundo capítulo de desenvolvimento estudaremos os conflitos irregulares, mais especificamente a aplicação do poder aéreo nestes conflitos. Diferenciaremos guerra

² Insurgência – Atividades políticas e militares exercidas para adquirir o controle de parte ou totalidade de um território, recorrendo a forças militares irregulares e a organizações políticas ilegais. A ação dos insurgentes pode incluir guerra irregular, terrorismo, sabotagem, mobilização e ações políticas, atividades de propaganda e contrapropaganda e guerra psicológica. Todos estes instrumentos têm como finalidade o enfraquecimento ou anulação do poder e da legitimidade do governo em exercício, simultaneamente aumentando o poder e a legitimidade do grupo insurgente armado (JP1-2, 2010).

³ Contrainsurgência – Ações militares, políticas, econômicas, psicológicas e cívicas, tomadas por um Governo, com a finalidade de combater a Insurgência (JP1-2, 2010).

convencional de guerra irregular, trataremos da origem dos movimentos insurgentes, bem como conheceremos os princípios da COIN. Após esta breve familiarização com estes conceitos, por demais importantes ao estudo da guerra irregular, veremos, ainda, as capacidades do poder aéreo em conflitos deste gênero. Para tal estudaremos a Guerra do Vietnã e as ações da OTAN contra o talibã no Afeganistão.

No terceiro capítulo de desenvolvimento efetuaremos o confronto entre teoria e as realidades históricas, nos dois conflitos que nos propusemos a estudar, onde apresentaremos as variáveis selecionadas encontradas em cada um dos conflitos, a fim de comparar se, o que ocorreu, historicamente falando, se deu conforme teorizado. Isso nos permitirá responder a questão apresentada na pesquisa.

Por fim, no último capítulo apresentaremos as conclusões do trabalho, respondendo o questionamento que nos propusemos. Destarte, iniciaremos nosso estudo passando ao próximo capítulo, no qual nos comprometemos a conhecer a teoria do poder aéreo de Alexander Seversky.

2 A TEORIA DO PODER AÉREO DE SEVERSKY

Neste capítulo apresentaremos um estudo sobre a teoria de Seversky. Abordaremos os princípios da teoria do poder aéreo, cujo propósito é verificar os principais aspectos propugnados pelos teóricos do poder aéreo, sintetizados na teoria de Seversky, a fim de verificar sua aplicação ou não aos conflitos irregulares. Passaremos a um breve histórico sobre a vida deste teórico, a fim de nos familiarizarmos com o que ele representou para a comunidade aeronáutica.

2.1 Histórico sobre Seversky (1894-1974)

Nasceu na Rússia em 1894. Aos 10 anos cursou a Escola Militar e, mais tarde, a Academia Naval da Rússia. Em 1914 foi designado para a Aviação Naval, tendo se brevetado na Escola Militar de Aeronáutica de Sebastopol. Combateu na aviação de bombardeio e depois de caça, onde em 1917 foi designado Chefe da Aviação de Caça do Mar Báltico. Perdeu a perna direita em combate em 1915, mas voltou à ativa com um membro artificial. Tornou-se o primeiro “Ás” da Força Aeronaval Russa, por suas proezas militares, recebendo todas as comendas que sua pátria podia lhe conceder, inclusive a Ordem de São Jorge (mais alta distinção militar do país).

Em 1918 foi designado membro da Missão Aeronaval Russa nos Estados Unidos da América (EUA), nomeado engenheiro aeronáutico e piloto de provas do governo. Após trabalhar com o General Mitchell (1879-1936), foi designado consultor técnico do Departamento de Guerra (ainda com nacionalidade soviética). Em 1927 tornou-se cidadão estadunidense, sendo nomeado Major da Reserva do Corpo Aéreo Norte-Americano. Foi o primeiro no mundo a desenhar um aparelho de mira de bombardeio automático. Fundou a Seversky Aircraft Corporation (1931), responsável pela construção de alguns dos melhores caças estadunidenses. Desenhou e construiu o mais rápido avião anfíbio do mundo, o primeiro avião de treinamento básico de asa baixa, foi o precursor da tática de combate a grandes

altitudes, graças ao desenvolvimento e construção do primeiro caça equipado com motor resfriado a ar com supercompressor.

O Major Seversky “bateu” recordes mundiais de velocidade, tendo em 1940 recebido o troféu *Harmon* das mãos do presidente Roosevelt. Considerado um dos maiores peritos da tática e estratégia da guerra aérea. Sua capacidade foi demonstrada pela exatidão de seus prognósticos a cerca da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em particular suas previsões, feitas publicamente, quanto à época de seu início, à capacidade dos ingleses de resistir à invasão alemã, os acontecimentos de Creta, entre outros.

Seu livro *Victory Through Air Power* foi transformado em animação por Walt Disney em 1943. Seversky advogava em nome de uma Força Aérea independente, dos bombardeios estratégicos de longo alcance e da supremacia aérea. Sua teoria é considerada uma continuação dos estudos de Douhet, tendo sido influenciado grandemente por Billy Mitchell, seu chefe nos EUA. Veremos a seguir seus princípios teóricos.

2.2 A teoria do poder aéreo

A entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial se deu por humilhante derrota infligida pela Força Aérea japonesa em Pearl Harbor (1941), agravada pelo afundamento dos cruzadores ingleses *Prince of Wales* e *Repulse* (1941), vítimas de bombardeio aéreo. A sociedade estadunidense ficou abalada, aos moldes do que ocorreu com os franceses quando a aviação alemã e as divisões *Panzer* “ignoraram” a Linha *Maginot* (SEVERSKY, 1942).

Seversky imaginava cenas onde bombardeiros gigantescos, cortariam os ares em direção aos EUA. Milhares de aviões, com toneladas de explosivos se lançariam em ondas sucessivas, cercados por caças de proteção, equipados para abrir caminho até os objetivos designados. As “armadas aéreas” combateriam com audácia e ferocidade maior do que as armadas navais do passado. Os “centros nervosos” e as “veias jugulares” do Estado seriam

golpeados, atingindo, centros industriais, fontes de energia, sedes de governo, depósitos de combustível, aeródromos e fábricas de aviões (SEVERSKY, 1942).

Tais ataques aéreos obrigariam a uma atitude desesperada, na qual a força aérea inteira da nação lançar-se-ia à luta, a despeito de sua inferioridade. Um Estado com parco poder aéreo revelar-se-ia inadequado e seria reduzido à impotência. Assim, após a obtenção da supremacia aérea, começaria o incessante processo de destruição total do inimigo. O resultado seria uma espécie de “bloqueio aéreo de três dimensões” (SEVERSKY, 1942).

Podemos dizer que o bloqueio cortaria as linhas externas de comunicação e destruiria as linhas internas, os centros da vida nacional. O bloqueio através do Poder aéreo seria como uma bacia invertida (cúpula), sob a qual o inimigo seria gradualmente sufocado.

Ataques aéreos transoceânicos acabariam com ilusões de segurança baseada na distância, pensamento que vigorava, na época, nos EUA. Os velhos conceitos de distância foram, de fato, subvertidos pela aviação (SEVERSKY, 1942).

Portanto, o aumento de alcance e poder ofensivo da aviação faria com que todos os países se achassem expostos à destruição por bombardeios, assim como aconteceu com as Ilhas Britânicas na Segunda Guerra Mundial. Desta forma, o advento da aviação permitiu que bombas obstruíssem as utilidades públicas, cortassem os suprimentos de água, matassem milhões de habitantes, destruíssem a vida industrial, interrompendo o fluxo de alimentos e suprimentos.

O programa de defesa dos EUA não era adequado a guerra total pelos ares. Tanto o Exército brilhantemente comandado e mecanizado, como a esquadra de dois oceanos, a mais bela e maior força naval que o mundo jamais viu, nada poderia fazer contra o enxame de aeroplanos gigantes. A fantástica esquadra, que havia custado bilhões de dólares, se acharia, ela mesma, exposta ao ataque, como qualquer outro objetivo de superfície (SEVERSKY, 1942).

Quanto a população, tomada pelo pânico desejaria a invasão. Após as primeiras semanas de devastação o país começaria a desejar a temida invasão por terra. Tudo pareceria

preferível ao incessante “martelamento” aéreo. Entretanto, o inimigo não teria intenção de empreender luta quilômetro por quilômetro, preferindo bombardear o Estado, reduzindo-o a ruína. “Sangraria” o país até a completa exaustão, demolindo cidades e indústrias, abalando a moral nacional, destruindo linhas de comunicação (SEVERSKY, 1942).

Vimos acima os conceitos de “Guerra Total” e “paralisia” do Estado. Com o Poder Aéreo os Estados não mais seriam vítimas de ataques “parcelados”, mas como uma totalidade. A teoria decreta o fim da era das armadas, das frentes de batalha, das lutas por poucos quilômetros de solo. O conceito seria mudado de ocupação para destruição. O Estado ficaria paralisado pelo efeito de bombas, a população reduzida à fome devido ao desmantelamento do sistema de transporte. O governo do Estado destruído proporia a cessação das hostilidades, mas tal proposta não seria levada em consideração, pois a finalidade na Guerra Total é a destruição total.

Referente ao alcance da aviação, poder-se-ia afirmar que o Atlântico e o Pacífico seriam eliminados como obstáculo de distância ainda nos anos de 1940. Considerava-se inevitável o alcance máximo possível, ou seja, 40.000 quilômetros, o correspondente a volta ao planeta, seria atingido na década de 1950 (SEVERSKY, 1942).

O quadro descrito em sua teoria, portanto, só não era totalmente aplicável, mais devido ao pensamento conservador dos militares do que a limitações aeronáuticas da época (alcance da aviação), que limitavam o pleno emprego do Poder Aéreo. Tais restrições eram a última barreira que limitava os golpes diretos do inimigo.

Um Estado só alcançaria a vitória se obtivesse, através de seu Poder Aéreo, a supremacia aérea local. Afirmava ainda que a estratégia básica estadunidense estava errada, considerando ainda a batalha no terreno e enormes esquadras. Os EUA estavam concebendo formidáveis tropas expedicionárias, as quais atravessariam os oceanos em armadas igualmente formidáveis, a fim de, em campanhas à moda antiga, apoderar-se de territórios quilômetro a quilômetro o que ia totalmente contra o que era conceituado pela sua teoria.

Mesmo os peritos navais admitiram que seria impossível uma armada aproximar-se de costas inimigas defendidas por forte aviação. Portanto, a condição para o sucesso do transporte das tropas pelo globo terrestre é o controle do ar acima das rotas marítimas. As esquadras não mais poderiam se aventurar em águas dominadas pelo poder aéreo inimigo, mesmo se o inimigo fosse desprovido de força naval (SEVERSKY, 1942).

Somente o Poder Aéreo poderia “fazer frente” a aviação inimiga. Exceto em áreas limitadas dos oceanos, que se achassem (há época) fora do alcance da aviação com base em terra, os aviões com bases em navios seriam os substitutos, muito duvidosos, da verdadeira força aérea. Primeiro porque os meios da aviação naval seriam inferiores à aviação inimiga baseada em terra, segundo porque os porta-aviões seriam alvos perfeitos para a aviação inimiga, tornando-os mais vulneráveis (SEVERSKY, 1942).

Seu questionamento era o porquê de pôr em prática expedições colossais, quando poder-se-ia desenvolver o equipamento e a tática para alcançar a supremacia aérea. Forças inimigas não tinham probabilidade de êxito se não se mantivesse o domínio do ar. Por que lançar milhares de soldados contra a Europa e Ásia em duelos mortais, quando a superioridade do Poder Aéreo poderia reduzir toda a operação a um ataque aéreo total sobre o inimigo (SEVERSKY, 1942)?

Observamos que em seu posicionamento quanto as demais armas, afirma que não deveriam ser postas à parte, pelo menos num período de transição, visto que, necessitariam de forças de terra e mar para fins auxiliares, como apoio às operações e para as tarefas de ocupação e polícia. Atribuía ao poder aéreo o papel que coube até o momento ao poder naval, de ofensiva estratégica, devendo o Estado concentrar recursos no seu desenvolvimento. A Aviação Naval não poderia se contrapor a aviação baseada em terra. Veremos a seguir como Seversky decreta o fim da guerra de duas dimensões e estabelece o conceito de supremacia aérea.

2.3 O fim da guerra de duas dimensões e a supremacia aérea

A superação da Linha *Maginot*, que oferecia perfeita defesa antes do advento da aviação, foi virtualmente ignorada por Hitler e sua aviação, marcando o fim da guerra de duas dimensões. As barreiras de superfície, que haviam sido suficientes para deter o inimigo no passado, não mais o eram. A derrocada desta forma de defesa decreta o fim da guerra de duas dimensões (SEVERSKY, 1942).

As limitações de alcance da aviação eram entraves tanto para as potências do Eixo quanto para os Aliados. No caso da invasão da Dinamarca e Noruega, a medida que a aviação nazista se colocava à distância de ataque, avançando sobre o terreno, a alternativa dos aliados era sempre a evacuação, que se processava com grandes perdas, sob “martelamento” incessante dos bombardeiros. Assim foi na retirada de Namsos⁴ e de Trondheim⁵. Desde o princípio da invasão da Noruega, a península foi controlada pelos nazistas, tendo todo o acesso ao mar sido policiado pela aviação alemã, tornando inacessível à esquadra britânica, exceto por ataques surpresa, segundo o princípio do “bate e corre”, apesar da proximidade das bases navais britânicas e não obstante a quase ausência de força naval germânica (SEVERSKY, 1942).

Quanto à maior retirada da história da humanidade (Dunquerque), tentaram atribuir o mérito da evacuação à esquadra Britânica, numa tentativa de “salvar a reputação” da força naval. Entretanto, o que se processou foi que tanto no Canal da Mancha, como no Skagerrak (canal entre Noruega e Dinamarca) o elemento determinante foi o controle do ar. O Skagerrak pertenceu aos alemães e o Canal da Mancha aos britânicos, de tal sorte que os navios britânicos puderam operar no Canal da Mancha sob o guarda-chuva da *Royal Air Force* (RAF), não conseguindo fazê-lo no Skagerrak (SEVERSKY, 1942).

O transporte de tropas através do Canal da Mancha foi realizado por cargueiros, barcaças, botes e força naval. Um total de 887 navios participaram retirando 335.000 homens.

⁴ Retirada das tropas aliadas após a invasão da Noruega pelos nazistas.

⁵ Idem.

Somete ¼ dos transportes, 222 navios, foram executados por unidades da esquadra, as demais embarcações não constituíram operação naval. Portanto, interpretar o fato como proeza da força naval era “violentar” a lógica. Fotografias de Dunquerque demonstram que a retirada foi improvisada, como evidenciaram as massas humanas agrupadas na praia. Tais aglomerações, bem como a “miscelânea” de navios em águas rasas, constituíam alvos perfeitos para o Poder Aéreo germânico, só não tendo acontecido uma carnificina em virtude da supremacia aérea mantida pela RAF, que estabeleceu e manteve, de fato, por quatro dias, um sólido domínio aéreo (SEVERSKY, 1942).

Vimos neste tópico a variável superioridade aérea, observando que possuí-la ou não significava o sucesso nas batalhas, viabilizando ou não determinadas ações, como na superação da linha *Maginot* e na retirada de Dunquerque, por exemplo. Abordaremos no próximo tópico a Batalha da Inglaterra e as lições que dela puderam ser apreendidas.

2.4 Lições da “Batalha da Inglaterra” para o poder aéreo

O bombardeiro de mergulho *Stuka* (germânico) impressionou a imaginação popular. Sua atitude⁶, em mergulho, provocava pânico e terror, pois sugeria a imagem de uma águia se precipitando sobre a presa. Para aumentar esta capacidade de provocar medo, os alemães o equiparam com sirenes com som plangente e estridente. O *Stuka* se revelou o mais notável elemento da *Blitzkrieg*⁷, com uma sucessão de exércitos derrotados, populações aterrorizadas e Estados colapsados. Estes fatos cercaram o *Stuka* com uma “auréola” de invencibilidade, de poder, muito além do que, de fato o era, dado suas limitações. Alguns peritos impressionados com

⁶ Atitude – Circunstância ou disposição de uma aeronave (foguetes, mísseis, satélites etc.) caracterizada pela elevação do eixo em comparação ao ponto de referência.

⁷ *Blitzkrieg* – termo alemão para *guerra-relâmpago* – tática militar de nível operacional que utilizava forças móveis em ataques rápidos e de surpresa, não dando tempo para as forças inimigas organizar defesas. Seus três elementos essenciais eram o efeito surpresa, a rapidez da manobra e a brutalidade do ataque, e seus objetivos principais a desmoralização do inimigo e a desorganização de suas forças – paralisando seus centros de controle. O efeito desejado da guerra-relâmpago somente é conseguido utilizando coordenadamente a infantaria, os blindados e a força aérea, que agem juntos para romper as linhas inimigas num ponto de ruptura (LUIZ, 2009).

as façanhas desta aeronave, quando empregada em apoio as forças de superfície não percebiam suas deficiências quando removido de seu ambiente peculiar (SEVERSKY, 1942).

O *Stuka* possuía velocidade máxima de 390 km/h – 210 km/h, portanto, a menos que o *Spitfire*, caça britânico incumbido de perseguir-lo. Seu armamento consistia em duas metralhadoras nas asas e uma atrás do posto do piloto. Quando atacado pela retaguarda só dispunha de uma metralhadora de pequeno calibre para se contrapor as oito dos caças da RAF, sendo que, se o ataque viesse de baixo, não possuía defesa alguma. Seu raio de ação era de 320 quilômetros. Transportava uma bomba de uma tonelada e quatro outras de quarenta e cinco quilos (SEVERSKY, 1942).

Na “Batalha da Inglaterra” este avião falhou. No continente europeu obteve sucesso, primeiro porque explorou o fator surpresa e não encontrou oposição aérea, segundo porque operou como força auxiliar do exército. A concepção estratégica nazista se pautava em operações terrestres, tendo a *Luftwaffe* sido criado para atender os requisitos de tais operações. A estratégia era pautada em guerra mecanizada de superfície, o que pedia uma força aérea de proteção. Tais necessidades, erroneamente avaliadas dominaram as idéias de quem projetava o equipamento aéreo alemão (SEVERSKY, 1942).

Portanto o *Stuka*, principal responsável pelas conquistas nazistas na Europa, se mostrava sem valor para a invasão das Ilhas Britânicas. A confiança exagerada, causada pelas vitórias pregressas obtidas na *blitzkrieg*, neste e em outros aparelhos do poder aéreo germânico foram uma das principais causas da derrota da Alemanha na Batalha da Inglaterra.

A invasão da Grã-Bretanha era considerada inevitável, dado o otimismo de Hitler e o temor de ingleses e estadunidenses justificados pelo sucesso das campanhas alemãs em toda Europa. Entretanto, Seversky se mantinha convicto de que não haveria invasão, a menos que a Alemanha dispusesse, secretamente, de outros aviões de combate. Considerava a invasão impossível enquanto os britânicos conservassem o domínio dos céus sobre a ilha e sobre o

Canal da Mancha. O transporte de numerosas tropas era inconcebível sem um sólido teto de proteção aérea (SEVERSKY, 1942).

A clássica batalha aérea total se tornara um fato com o advento da “Batalha da Inglaterra”. Seversky afirmava que assim que a questão do domínio dos céus sobre as Ilhas Britânicas e rotas marítimas de acesso fosse resolvida, no que ele chamava de “Trafalgar Aéreo”, as questões por resolver com auxílio de exércitos e armadas seriam meros acessórios, estrategicamente falando. A condição mínima para a invasão era um equipamento aéreo capaz de varrer a RAF, o que naturalmente não ocorreu. A *Blitzkrieg* de Hitler contra as Ilhas Britânicas se mostrou um fracasso. Os graves danos a cidades e portos não foram suficientes para subjugar os britânicos (SEVERSKY, 1942).

Os bombardeiros alemães eram velozes para o seu tempo, mas tal velocidade foi obtida em detrimento de capacidade ofensiva (redução de alcance, capacidade de carga, blindagem e armamento). O raio de ação era, em média, de apenas 900 quilômetros. Sua capacidade em bombas (uma tonelada), também era considerada pequena. A mais séria deficiência, entretanto, era o insuficiente poder de fogo defensivo. Na maioria das vezes enfrentavam caças ingleses com oito metralhadoras, na razão, portanto de oito para um. Caso a aviação de bombardeio nazista tivesse a proteção adequada, possivelmente teria aberto caminho até os centros vitais britânicos, não só capitulando a RAF no ar como destruindo suas bases em terra, o que mudaria os rumos da história (SEVERSKY, 1942).

A característica fundamental da *Luftwaffe* (ser elemento coordenado para apoiar operações de terra ou mar) era também sua principal fraqueza, demonstrada quando foi convocada a efetuar operações puramente aéreas contra um inimigo fortemente armado no ar, a quem tinham a pretensão de vencer pela quantidade. A aviação nazista não era equipada para abrir caminho através da força inimiga no ar, despejar suas bombas e regressar vencendo a resistência (SEVERSKY, 1942).

Os alemães perderam 697 aviões nos dez primeiros dias da batalha o que denota a intensidade da luta. Goering⁸ (1893-1943) estava decidido a pagar qualquer preço para conseguir a cabeça de ponte necessária para a vitória e tentou utilizar-se da imensa vantagem numérica a fim de compensar a inferioridade qualitativa da *Luftwaffe*. Os pilotos britânicos ficaram esgotados, combatendo do nascer ao pôr do sol. Por fim, seus cálculos falharam, comprovando que em termos de Poder Aéreo, número, sem qualidade, não prevalece contra uma força superior qualitativamente (SEVERSKY, 1942).

A incapacidade de superar os caças britânicos impediu o controle aéreo. A invasão, por conseguinte, foi impossibilitada. O plano seria uma invasão relâmpago por terra, mar e ar, aos moldes do que havia sido feito contra a Noruega. Os alemães foram surpreendidos e obrigados a travar uma longa luta aérea para a qual não estavam nem materialmente, nem psicologicamente preparados. O conflito permaneceu sem participação de Marinhas e Exércitos. Pelo mesmo motivo que não puderam impedir a retirada de Dunquerque, foram os alemães incapazes de transpor o canal da Mancha, ou seja, a superioridade da RAF (SEVERSKY, 1942). Nesta ocasião Winston Churchill se manifestou afirmando que “nunca no campo do conflito humano, tantos deveram tanto à tão poucos”, se referindo, naturalmente aos pilotos da RAF.

Muitos críticos se aproveitaram do desfecho da “Batalha da Inglaterra” para concluir que o Poder Aéreo, sozinho não ganha a guerra. Seversky se manifesta afirmando que o fracasso do assalto alemão à Inglaterra foi devido ao uso de tática, estratégia e equipamentos inadequados para tal fim (SEVERSKY, 1942).

Os principais erros durante a “Batalha da Inglaterra”, foram: a tentativa de bombardeio estratégico por um Estado que não possui poder aéreo suficiente para eliminar ou

⁸ Marechal Goering – comandante e o primeiro Marechal do Ar da *Luftwaffe*. Em 1940, Hitler o proclamou seu sucessor e o promoveu ao posto único de Marechal do Reich (Reichsmarschall), a mais alta patente militar do Reich alemão.

neutralizar a força aérea oponente, a escolha errada do objetivo vital, a falta de continuidade de ação (SEVERSKY, 1942).

Resumindo, o Terceiro *Reich* possuía boas aeronaves, mas não possuíam alcance, capacidade de carga explosiva, blindagem ou potência de fogo que os permitissem descarregar as bombas sobre os objetivos sob forte oposição do Poderio Aéreo Britânico.

Observamos pois que se os bombardeiros germânicos fossem equipados com mais metralhadoras, possivelmente as perdas alemãs não seriam de quatro para um. Quanto a escolha do objetivo (seleção de alvos), Hitler deveria ter focado em alvos estratégicos como facilidades aeronáuticas e não na população. Ainda quanto ao bombardeio, as frequentes interrupções possibilitaram tempo para o povo reparar os danos e se preparar para a resistência. Veremos adiante a invasão de Creta, considerado um marco na invasão aérea total.

2.5 Creta e a invasão aérea total

A falta de defesa aérea foi responsável pelo abandono da ilha de Creta. Os alemães usaram 1000 aeroplanos e somente duzentos foram derrubados. A imprensa britânica questionava: por que o Skagerrak havia se repetido em Creta? Afinal, as ilhas haviam sido tomadas há mais de sete meses pelos aliados e foram perdidas com uma resistência de apenas doze dias (SEVERSKY, 1942).

Creta foi um marco histórico da invasão aérea total. Tropas, munições, combustível, suprimentos, reforços, enfim, tudo foi transportado por rotas aéreas. A sombra do Poder Aéreo alemão se estendeu por toda a ilha. Tendo se apoderado dos céus de Creta e de suas rotas marítimas, Hitler conquistou a ilha, para a qual possuía planos futuros, razão pela qual não a eliminou, como poderia ter sido feito caso desejasse através do bombardeamento sistemático (SEVERSKY,1942).

Para Seversky Creta revela o Poder Aéreo como único capaz de operar sozinho, bem como propiciar poderoso apoio as forças de superfície. Estudaremos agora os conceitos de posse e eliminação.

2.6 Posse ou eliminação

Na guerra de eliminação, uma vez dominado o céu do inimigo, tudo abaixo ficaria a disposição, não havendo razão de invadir com infantaria, uma vez que tudo poderia ser processado de maneira mais eficiente e segura através do Poder Aéreo. O bloqueio de três dimensões poderia ser aplicado por longo período (SEVERSKY, 1942).

Já a guerra de posse requer força terrestre, bem como aviação coordenada com estas forças, a fim evitar destruição desnecessária. A técnica é, portanto, completamente diferente de quando se trata de guerra de eliminação. Ainda assim, seu papel é preponderante, por vezes exclusivo, fazendo uso principalmente de seu raio de ação e força ofensiva (SEVERSKY, 1942).

O Poder Aéreo flexibilizou a escolha do método para a imposição da vontade de um Estado a outro. Permitia atacar o inimigo como um todo, reduzindo-o à impotência sem necessidade de invasão. Até seu surgimento, somente exércitos poderiam desarmar o inimigo, através da invasão. Entretanto, o Poder Aéreo teria fornecido a ferramenta para desarmá-lo, através da destruição completa do seu potencial bélico. Encerramos assim o estudo da teoria. Passaremos pois, as conclusões parciais.

2.7 Conclusões parciais

Vimos neste capítulo, através da pesquisa da teoria de Seversky, que um Estado precisaria estar em condições de se defender de ataques aéreos de todas as direções, tanto física quanto psicologicamente, bem como ser capaz, ofensivamente falando, de desferir golpes em

todas as direções, o que só seria possível através da guerra aérea total, forçando a destruição da força aérea inimiga, impondo-lhe um bloqueio de três dimensões e posteriormente um “martelamento” das linhas de comunicação e de seu potencial econômico. Ser capaz de transporte de pessoal e material, ou seja, prover seu próprio apoio. A invasão final seria seguida com o apoio de navios de superfície, devidamente protegidos pela Força Aérea. Esta seria “a receita” para a vitória.

Nenhuma operação naval ou terrestre seria possível sem a conquista do domínio do ar acima da respectiva área. Caso o adversário fosse detentor de forte Poderio Aéreo, o controle dos céus seriam condição essencial para dar continuidade a empreitada. As armadas teriam perdido a função de ofensiva estratégica. A força aérea as substituiu nesta tarefa, pois a aviação defensiva inviabiliza o avanço de navios de guerra para desembarcar tropas nas praias, como demonstrado pela incapacidade da esquadra britânica se aproximar das costas do continente Europeu defendidas pela aviação do Eixo.

O Bloqueio de uma nação inimiga tornou-se função da Força Aérea. A Grã-Bretanha, como exemplo, foi submetida a bloqueio pelos alemães praticamente desprovidos de uma Esquadra. O bloqueio aéreo seria instantâneo, tal sua capacidade de atingir as linhas de comunicação de um país, mostrando-se pois, mais eficaz.

Só se vence Poder Aéreo com Poder Aéreo, portanto no mar como em terra a defesa contra aviação é melhor ou igual aviação. Na guerra aérea qualidade é mais decisivo que quantidade, como demonstrado na batalha da Inglaterra na comparação de aparelhos como *Stuka* x *Spitfire*.

Só o bombardeio de precisão pode destruir o moral do inimigo. A ideia de que o castigo aéreo sobre as populações afetaria o moral do povo era infundada. Os ataques serão cada vez mais concentrados em objetivos militares (energia elétrica, indústrias de aviação, docas e utilidades públicas). O pânico que se apoderaria das populações era um mito.

Os aspectos teóricos pesquisados, e que serão abordados nos próximos capítulos, foram limitados dentro das seguintes variáveis: supremacia aérea, o papel do poder aéreo (se não como elemento exclusivo da estratégia ofensiva de um Estado, como principal), qualidade x quantidade de meios aéreos e se a uma força aérea somente pode ser combatida por outra força aérea.

No próximo capítulo as variáveis estudadas serão confrontadas com conflitos irregulares com o objetivo de comprová-las ou não.

3 A GUERRA IRREGULAR E O PODER AÉREO

No presente capítulo diferenciaremos guerra convencional de irregular e nos familiarizaremos com alguns conceitos desta última vertente de conflitos. Depois abordaremos a vertente aérea da Guerra do Vietnã e as ações da OTAN contra o talibã no Afeganistão, exemplos de movimentos insurgentes escolhidos como realidade histórica a ser estudada.

3.1 Guerra convencional e irregular

A Guerra Irregular distingue-se da Convencional⁹ pela estratégia e aproximação utilizadas para atingir os efeitos desejados. Enquanto a Guerra Convencional procura mudança nas políticas de um governo por ação sobre seus líderes, ou vitória militar, a Guerra Irregular, procura o desmantelamento de um grupo, governo ou ideologia, através da manipulação da opinião pública, normalmente assumida como Centro de Gravidade (FM 3-24, 2014).

Diferente da Guerra Convencional, o foco da Guerra Irregular não é o combate direto às forças militares, mas a aplicação de todas as capacidades da força no auxílio às populações relevantes e ao governo, o que, naturalmente, também passará por degradar o adversário (ARREGUIN-TOFT, 2001). Conflitos irregulares incluem, mas não se esgotam nas atividades de IN, COIN, terrorismo e contra-terrorismo (CORDESMAN, 2002). A Guerra Convencional e Irregular não são conceitos estanques, podendo coexistir num determinado conflito (ARREGUIN-TOFT, 2001). Após breve familiarização com os conceitos de guerra convencional e irregular, passaremos ao estudo das origens da insurgência.

⁹ Conjunto de operações militares conduzidas contra um adversário, por forças militares tradicionais ou forças de segurança governamentais (JP1-2, 2010).

3.2 As origens dos movimentos insurgentes

A Insurgência normalmente assume comportamentos brutais e imorais, buscando objetivos políticos bem definidos (TAW, 1994). As origens da insurgência podem depender de um ou vários fatores, atuando isolada ou combinadamente. Um fator gerador de insurgências é o nascimento de “Estados falidos”¹⁰ (DONOVAN, 2005).

A decadência das instituições estatais faz crescer a possibilidade do surgimento de movimentos insurgentes, permitindo a geração de recursos, treino e mobilidade. Tradicionalmente está associada ao meio rural, de difícil acesso e baixa densidade populacional. Este posicionamento vem se alterando para os centros urbanos, como demonstrado no Iraque (MORRISON, 1994).

Grandes massas humanas desempregadas e descontentes, concentradas em bairros onde circulam livremente armas e substâncias ilícitas geradoras de renda, potencializam o desenvolvimento de movimentos insurgentes. Segundo Holbrooke (2009, apud GAIOLAS, 2010) no Paquistão, por exemplo, jovens desempregados recebiam armas e ordenados dos talibãs, aliciando-os a juntarem-se à sua causa. Vale considerar ainda fatores como a piora das condições ambientais do planeta, escassez de recursos naturais, separações étnicas, fundamentalismo religioso, tráfico de drogas (COOK, 2003).

Vimos que os movimentos IN têm diversas origens, mas estão associados a governos incapazes de solucionar problemas que vão do tráfico de drogas à corrupção, passando pelo fundamentalismo religioso. O acesso a meios ilícitos de renda, permite o surgimento de lideranças que alcançam setores da sociedade onde o Estado não se faz presente, ou seja, no atendimento das necessidades da população, angariando assim sua simpatia e recrutando-os para o

¹⁰ Estados que em virtude de sua fragilidade, corrupção e incompetência política, perdem a capacidade de solucionar conflitos internos (DONOVAN, 2005).

movimento. Estudaremos agora a COIN e seus princípios, de forma a familiarizar a audiência com o foco de nosso estudo que será o emprego do poder aéreo em suas ações COIN.

3.3 Princípios da COIN

As operações de COIN são, como o nome diz, aquelas destinadas a se contrapor as ações caso o adversário resolva fazer uso de insurgência. Tais operações são indispensáveis, uma vez que se deseja cessar as ações dos insurgentes.

Segundo o Manual de Campo COIN do Exército dos EUA, alguns pontos devem ser observados para que as operações tenham probabilidade de sucesso. Primeiro a legitimidade, a qual é obtida através da subordinação da intervenção militar aos fatores políticos do conflito. Desta forma é possível resolver o problema, seja anulando a insurgência, seja pela aceitação popular das medidas tomadas pelo governo (FM 3-24, 2014). Entretanto, o emprego dos militares desvinculados de objetivos políticos normalmente mostra-se desastroso para a campanha geral, pois, normalmente, conduz a um aumento da animosidade, o que degenera a relação de confiança com as populações (CANN, 2005).

É imprescindível a compreensão do ambiente, a fim de reduzir a vantagem do insurgente, que possui grande conhecimento local. A nova filosofia da OTAN é baseada neste conceito o *comprehensive approach* (abordagem sensível, tradução nossa), ou seja, uma estratégia coordenada de atores, face as variáveis presentes no conflito, que não apenas a militar. Para que as Operações sejam realizadas dentro deste enfoque, é necessário um sólido sistema de informações (AJP-01(D), 2010).

Outro ponto crucial é o isolamento dos insurgentes, impedindo o acesso as suas fontes de receita, ou seja, efetuando controle de fronteiras e população. As ações devem ser conjuntas. A unidade de comando dificilmente será obtida, dado o envolvimento de muitas or-

ganizações não-governamentais (ONG), não subordinadas a um Comando de Força, mas que partilham o mesmo objetivo, ou seja, contribuir para que as instituições estatais recuperem seu respeito e confiança pública (VICK, 2006).

A Gestão da Informação também merece especial atenção, pois modernas tecnologias fornecem novos meios de comunicação e veiculação de ideologias e propaganda. As Operações de COIN têm que negar as falsas promessas dos insurgentes e, simultaneamente, reforçar a sua imagem (VICK, 2006).

Há que se levar ainda em consideração também a humanização cada vez maior do processo, fazendo uso somente da força necessária, respeitando os princípios do direito internacional e da guerra, demonstrando respeito pelas vidas civis (JONES, 2008).

Vimos portanto a complexidade das ações COIN, na qual temos que conhecer um ambiente profundamente dominado pelos insurgentes, realizar operações conjuntas buscando a “difícil” unidade de comando, “secar” suas fontes de receita, fazer uso a nosso favor das informações, reforçando a imagem do governo e desacreditando o insurgente, tudo isto com uso moderado de força, respeitando os direitos humanos. Seria o poder aéreo, aos moldes do que era pregado por seus teóricos, capaz de atuar neste nicho de conflitos modernos e encerrá-los. É com este questionamento que seguimos nosso estudo, passando, no próximo tópico, a abordar o poder aéreo efetivamente em cenários de guerra irregular.

3.4 Poder aéreo em cenários de guerra irregular

Selecionamos as campanhas de COIN no Vietnã e de estabilização do Afeganistão para verificar o emprego do Poder Aéreo em Guerras Irregulares. Através da delimitação do espaço temporal, bem como do estudo exclusivo da aviação nos referidos conflitos, poderemos

observar, a aplicação ou não da teoria de Seversky, bem como alguns aspectos que foram desconsiderados pelos teóricos do poder aéreo.

3.4.1 COIN no Vietnã

A guerra do Vietnã nos brinda de maneira clara com quase todas as possibilidades imaginadas pelos teóricos do poder aéreo. Neste conflito direcionaremos nosso estudo para o bombardeio estratégico, a supremacia aérea, o transporte aéreo e as operações de vigilância e reconhecimento.

No início de 1965, o Exército Revolucionário do Povo, com 170 mil homens no Vietnã do Sul, ameaçava povoados próximos a Saigon. Os EUA tinham duas alternativas “escalar ou retirar”. O presidente Johnson, inicia uma operação de bombardeios aéreos contra alvos no Vietnã do Norte que, prevista para durar dois meses, prosseguiria por três anos (MAGNOLI, 2006).

Enquanto o Vietcongue realizava ataques limitados e operações de sabotagem contra alvos secundários, os EUA conduziam bombardeios aéreos massivos contra fábricas, bases militares e a trilha *Ho Chi Minh*¹¹. A estratégia seguida por Washington, de “busca e destruição” de forças inimigas no Vietnã do Sul, baseava-se no conceito de guerra defensiva. O paralelo 17 não deveria ser ultrapassado, pois uma guerra ofensiva poderia provocar o envolvimento direto de soviéticos e chineses. Os pesados e incessantes bombardeios sobre a trilha *Ho Chi Minh* jamais alcançaram seus objetivos (MAGNOLI, 2006).

¹¹ Trilha *Ho Chi Minh* – conjunto de 16 mil quilômetros de túneis subterrâneos que ligava o norte ao sul do Vietnã pela fronteira com o Laos – e também por dentro do país vizinho. Por meio dela, em 1965, os comunistas movimentaram 90 toneladas de suprimentos por dia; em 1966, infiltraram 90 mil pessoas em território inimigo (Cordeiro, 2007).

Entre 1965 e 1967 o presidente Johnson, objetivando sucesso nas negociações de paz, interrompeu por seis vezes a grande campanha de bombardeios aéreos. Além de terem as propostas recusadas, os EUA “conseguiram”, ainda, ter sua opinião pública voltada decisivamente contra a guerra (MAGNOLI, 2006). O princípio da ofensiva está relacionado à iniciativa das ações. Esta operação, chamada de “*Rolling Thunder*”, é um exemplo de tentativa de tomada da ofensiva. Observou-se, porém, que as pausas nos bombardeios, entre as fases da Operação, permitiram aos norte-vietnamitas movimentar suprimentos e reparar danos (SMITH, 1994).

A Operação *Rolling Thunder*, que durou de fevereiro de 1965 até novembro de 1968, foi composta por 58 fases. Foram realizadas cerca de 300.000 surtidas¹², mais de 600.000 toneladas de bombas foram lançadas no Vietnã, o que significa uma média de 500 toneladas de bombas por dia (SMITH, 1994). Perderam-se mais de 900 aeronaves. Dessas, cerca de 750 (82%) em função do fogo de armas antiaéreas de vários calibres. Outras 117 (13%) foram abatidas por mísseis superfície-ar e somente 48 (5%) em função da ação das aeronaves MIG-17 ou MIG-23 de fabricação soviética. As perdas humanas, relativas ao poder aéreo, contabilizam 382 pilotos e 289 tripulantes falecidos. Ainda hoje, 702 militares são considerados perdidos em ação (ADDINGTON, 1994).

Até o momento observamos a supremacia aérea dos EUA durante toda a guerra. Supremacia esta considerada pelos teóricos do poder aéreo como essencial a vitória pela arma aérea. Apesar disto, os bombardeios estratégicos contra os centros nevrálgicos estavam longe de serem considerados um sucesso. O esforço aéreo empreendido não só em quantidade de aeronaves, horas voadas, bem como surtidas não se confirmou em um quadro favorável aos EUA, nem no campo político (negociações de paz), nem no campo militar, onde uma vitória rápida e com pequenas perdas seria esperada.

¹² Surtidas - é a designação de uma missão de combate, representada pela decolagem, execução de uma tarefa e retorno de uma aeronave.

A derrota dos EUA não ocorreu nas selvas e montanhas da Indochina, mas nas cidades estadunidenses. Na primeira guerra da “era da informação”, câmeras, fotógrafos e repórteres não encontraram restrições. Corpos de soldados mortos, o massacre de civis inocentes foram transmitidos pela TV, narrados em reportagens. As imagens produziram forte impacto. Em 1972, durante operações aéreas deflagradas por Nixon, pilotos sul vietnamitas bombardearam, por engano, um povoado do Vietnã do Sul. A foto de uma menina nua, queimada por napalm, fugindo do povoado em chamas tornou-se emblemática. Bombas de gravidade lançadas por B-52, muitas vezes atingiam povoados, provocando pesadas baixas civis. Os bombardeios químicos com napalm e o “agente laranja” abriam clareiras nas florestas (MAGNOLI, 2006).

Em 21 de janeiro de 1968, 20 mil soldados do Vietnã do Norte cercam 5 mil marines na base aérea americana de *Khe Sanh*. O cerco durou 77 dias. A mídia se referia a um “novo *Dien Bien Phu*¹³”, entretanto, o extraordinário poder de fogo aéreo estadunidense culminou na morte de quase 10 mil norte-vietnamitas nos arredores da base e garantiu a manutenção da posição. Entretanto, o cerco a Khe Sanh combinou-se com a Ofensiva do Tet, que provocou a crise política que geraria a decisão da retirada (MAGNOLI, 2006).

Os EUA usaram de maneira jamais vista a tática de bombardeios aéreos de saturação. Foram realizados mais de 3 milhões de voos e despejadas mais de 8 milhões de toneladas de bombas durante a toda a guerra, mais de quatro vezes o total empregado na Segunda Guerra Mundial. Entretanto, o mais brutal poder de fogo da história militar não podia compensar a proibição de invadir o Vietnã do Norte e a falta de vontade do povo estadunidense em uma guerra total (MAGNOLI, 2006).

¹³ Batalha de *Dien Bien Phu* – Marco inicial da derrocada do império colonial francês, a batalha de Dien Bien Phu ocorreu no início de 1954 entre as forças pela independência do Vietnã, o Vietminh, e o Exército regular francês (ALTMAN, 2014).

No Natal de 1972, Nixon ordena 11 dias dos mais intensos bombardeios de toda a guerra, contra alvos na região de Hanói. Em 27 de janeiro de 1973, os Acordos de Paris são firmados pelos governos dos EUA, do Vietnã do Sul e do Vietnã do Norte, e por representantes do Vietcong, determinando o cessar-fogo, a retirada do pessoal militar estadunidense remanescente e a futura reunificação do Vietnã (MAGNOLI, 2006).

Portanto, os bombardeios estratégicos foram massivamente aplicados, restando-nos chamar atenção para as inoportunas pausas, as quais foram teorizadas por Seversky, bem como o aspecto da informação, mal utilizada pelo COIN, pois acabou influenciando sua própria opinião pública e vontade de lutar. O sucesso ou não dos bombardeios é questionável. De uma maneira ou de outra, foram responsáveis pela manutenção da posição estadunidense em *Khe Sanh*. Não se pode afirmar com certeza o quanto os bombardeios do natal de 1972, bem como a opinião pública, influenciaram os dois lados a um acordo paz.

Quanto ao uso da aviação de asas rotativas, durante a guerra do Vietnã, 11.827 helicópteros foram empregados pelas forças aliadas, dos quais 5086 foram perdidos. Somente 2.076 aparelhos foram abatidos, sendo 4.642 acidentados¹⁴ por motivos outros que não fogo antiaéreo, como condições meteorológicas e ambiente operacional. As perdas humanas totalizaram 3.534 pilotos e tripulantes e 1.755 passageiros (STANTON, 1981), o que demonstra a importância do emprego dos helicópteros neste conflito.

As limitações de pessoal e as dificuldades do terreno levaram a uma forte dependência do uso de helicópteros para comando e controle, operações de reconhecimento, apoio de fogo e logística (RUCKER, 1968).

As monções que dominam o clima do Vietnã em muito influenciaram as operações aéreas e o combate. A estação úmida ocorre de maio a outubro. De novembro a maio prevalece a estação seca. Tempestades e clima úmido ocasionam baixa visibilidade e teto¹⁵ prejudicando a

¹⁴ Alguns aparelhos sofreram manutenção e foram recuperados durante o conflito.

¹⁵ Teto – é a altura, acima do solo ou água, da base da mais baixa camada de nuvens, abaixo de 6.000m (20.000

mobilidade aérea e o movimento de tropas no solo. Apesar disto o helicóptero ainda era a melhor plataforma para manobra no complicado terreno Vietnamita (JEG, 1963).

O terreno do Vietnã do Sul também era um adversário formidável. O delta do *Mekong* ocupa a porção sul do país, sendo uma planície dominada pelo rio *Mekong* e sua densa rede de afluentes, pântanos e brejos. O tráfego é difícil, especialmente durante a inundação causada pela estação chuvosa. A região nordeste do delta consiste de numerosos planaltos e pequenas colinas com altitudes inferiores a 1.000 pés. As montanhas *Annamitique* cobrem a área norte do *Mekong* e representam 35 por cento da área total do Vietnã do Sul. Elevações nesta área vão desde 3.000 a 7.000 pés com densa vegetação. Estradas limitadas e inundações sazonais tornam a viagem nas áreas do delta e de montanha difíceis (JEG, 1963).

O terreno difícil e a meteorologia fizeram do helicóptero valioso instrumento, uma vez que nenhuma outra plataforma poderia atravessar uma variedade tão grande de terrenos, permitindo que tropas aerotransportadas chegassem a seu destino contra a guerrilha Vietnã. Não resta dúvida que era a melhor plataforma para transpor os obstáculos, entretanto, vale ressaltar que tanto os terrenos quanto a meteorologia adversa foram responsáveis pelo dobro das perdas de helicópteros por fogo inimigo.

Em 1968, um estudo com duração de 313 dias foi conduzido pela Nona Divisão de Infantaria, descobrindo que brigadas que não possuíam apoio aéreo de helicópteros faziam contato com inimigos a cada 5 dias, resultando em uma taxa de 1,6 vietcongue morto a cada dia. Quando a mesma brigada teve sob seu comando helicópteros de reconhecimento e assalto (*air cavalry troop and an assault helicopter company*), o intervalo de dias para se obter contato com o inimigo reduziu para cada 2 dias, resultando em 13,6 vietcongues mortos por dia (TOLSON, 1973).

pés) que cobre mais da metade do céu.

Resumidamente, os helicópteros de reconhecimento dobraram a taxa de contato com o inimigo gerando incremento de 850% na taxa de vietcongues mortos. O estudo conclui que as brigadas deveriam ter helicópteros de assalto. O raciocínio é que as forças equipadas com helicópteros poderiam achar e matar mais inimigos, mais facilmente. A natureza do estudo é reveladora pois o sucesso está atrelado a taxa de morte, o que de certa forma é compatível com guerra de atrição. O estudo também revelou uma fraqueza estadunidense no que diz respeito as informações de inteligência (TOLSON, 1973).

Quanto ao reconhecimento o helicóptero foi considerado a melhor plataforma, com habilidade de manobrar em três dimensões, librar, e com reduzida necessidade de campos de pouso quando comparado a plataformas de asa fixa, tornando-se indispensáveis na busca por vietcongues no peculiar clima e relevo da região. Batalhões que possuíam apoio aéreo tinham sucesso em dobro na busca pelo inimigo e eram extremamente mais eficazes na tarefa de “matar vietcongues”. Resta avaliar se esta era a melhor opção na busca por “corações e mentes” que, teoricamente, define o sucesso de uma campanha COIN. Pelo bem ou pelo mal, o reconhecimento aéreo por HE se mostrou uma das melhores opções para achar formações inimigas. Assim seguimos nosso estudo para o poder aéreo no conflito do Afeganistão.

3.4.2 OTAN contra o talibã no Afeganistão

Fruto do ataque terrorista ao *World Trade Center* (2001), começou a intervenção multinacional no Afeganistão. O território afegão é reconhecido como centro da atividade talibã e da organização *Al-Qaeda*, responsável pelo ataque às torres gêmeas de Nova Iorque e ao Pentágono. Cento e dois dias depois dos ataques de 11 de setembro, tomava posse no Afeganistão um novo governo, resultado da intervenção estadunidense. Tudo parecia indicar que os EUA tinham ganho a guerra. No entanto, tal como no Iraque, mais tarde, a proliferação

de grupos insurgentes elevou o conflito para um estágio de Guerra Irregular que se mantém até os dias atuais.

A Operação *Enduring Freedom* (2009-2010) da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN, teve por objetivo organizar, treinar e equipar a Força Aérea Afegã (FAA) em benefício das demais Forças Armadas incipientes do governo afegão e, em última instância, da população civil. Tal tarefa foi levada a efeito pela *NATO Air Training Command–Afghanistan* (NATC-A). O governo afegão apoiou esta missão a fim de demonstrar sua legitimidade em ação contra a insurgência talibã. Tais operações visaram colocar em evidência o fato de que os insurgentes não conseguiam oferecer os benefícios providenciados pelo governo afegão que, de forma tangível, melhorariam a segurança e o bem-estar dos cidadãos (WILLI, 2013).

A FAA é um órgão de alta visibilidade do governo, que luta para estabelecer sua legitimidade entre uma população que habita regiões longínquas do país. O poder aéreo, sob a forma de helicópteros Mi-17s da FAA permite ao governo alcançar o povo, não importa quão remoto o local, providenciando necessidades básicas e assistência humanitária. Esta aplicação do poder aéreo denota a reação e dedicação do governo, algo possivelmente inesquecível os afegãos (WILLI, 2013).

É importante notar o enfoque estratégico da OTAN, que através do aumento de capacidade dos governos parceiros e suas forças, objetivam evitar que problemas em fase de propagação passem a crises que requerem intervenção militar direta, sempre caras e polêmicas. O aumento em capacidade é tão importante, e talvez maior ainda, quanto o combate travado pelos EUA (GATES, 2009).

Observamos portanto uma aplicabilidade não prevista pelos teóricos do poder aéreo, que propugnavam o bombardeio estratégico, o martelamento de cidades e populações. Evidente que em um conflito irregular, onde o centro de gravidade (CG) está focado no povo, a

arma aérea necessitava apresentar outra faceta, sendo ferramenta do governo para atingir as necessidades das populações.

Examinaremos brevemente o efeito das características geográficas do Afeganistão nas operações aéreas, e como a NATC-A/FAA conduz as operações COIN.

3.4.2.1 Obstáculos geográficos

O país possui terrenos elevados e traiçoeiros. A temperatura oscila entre extremos de -45.5°C e 48.9°C. Possui mais de 1.677.000 km quadrados de deserto, florestas e montanhas. O sistema rodoviário é subdesenvolvido e está em péssimas condições. Campos de pouso são raros, limitados e em regiões remotas. As facilidades aeroportuárias limitam-se a 19 pistas pavimentadas, 34 pistas não pavimentadas e 11 heliportos registrados. Falta infraestrutura, baixa população rural, onde 50% vive em áreas inacessíveis durante a maior parte do ano. A aviação civil, em desenvolvimento, faz com que o helicóptero seja vital para transporte de mercadorias e outros serviços, razão pela qual é ótimo recurso em operações de COIN (CIA, 2012). Após familiarização com as características do terreno afegão e portanto do ambiente operacional, nos propomos a apresentar algumas recentes ações de COIN realizadas pela FAA.

3.4.2.2 Operações recentes de COIN pela FAA

O governo afegão cita a reação bem sucedida a desastres naturais como fator essencial na redução de vulnerabilidade à ameaças internas. O Ministro de Defesa afegão afirma que a força de asa rotativa da FAA brilha quando realiza operações de assistência a desastres (WILLI, 2013). Veremos, portanto, o emprego destes helicópteros em ações de resgate, humanitárias, apoio as eleições e aos serviços bancários do país.

3.4.2.3 Resgates e ações humanitárias

Em 2010 nevascas causaram avalanches que resultaram em 165 fatalidades no desfiladeiro de Salang. A NATC-A/FAA entraram em ação, empregando Mi-17s para transportar soldados e equipamento adequado ao local do desastre (elevação de 3.528m). A ação rápida salvou dezenas de civis (BBC, 2010). A missão também recuperou os corpos de muitos que haviam falecido, o que foi muito importante, devido a cultura muçulmana que preza pelo rápido funeral. A evacuação de soldados e feridos das Forças de Segurança Nacional também é atribuição da NATC-A/FAA e tem resultado em reação favorável dos indivíduos e de suas famílias (WILLI, 2013).

Ainda em 2010, inundações severas ocorreram na porção noroeste do país e áreas vizinhas (FOX, 2010). Uma vez mais, a FAA e a NATC-A providenciaram assistência humanitária, utilizando as novas aeronaves Mi-17V5. Um fotógrafo do Departamento de Relações Públicas afegão documentou o resgate. Em 28 de julho de 2010, as tripulações executaram resgates nas províncias de Laghman e Nangarhar, salvando 200 pessoas, devendo regressar para Cabul, entretanto, condições atmosféricas adversas obrigaram sua estadia na Base Aérea mais próxima, em Jalalabad (FOX, 2010).

No dia seguinte, as tripulações continuaram as operações de resgate em Nangarhar. Após resgatarem outras 40 pessoas, regressaram à Jalalabad para reabastecimento e regresso a Cabul. Naquele momento, o governador de Kunar solicitou o apoio da NATC-A/FAA para resgatar cidadãos no Vale de Kunar, onde o Talibã realiza ataques rotineiros com pequenas armas e foguetes. As tripulações combinadas Afegã/EUA iniciaram o resgate, tendo notado durante essas operações que uma grande bandeira talibã havia sido hasteada na parte leste da zona de recuperação, justamente onde o pessoal resgatado estava sendo desembarcado. Os

habitantes locais informaram que aquela bandeira, era sinal que o Talibã observava as operações de resgate. Apesar disto, forças talibãs não atacaram, devido a assistência essencial que estava sendo prestada. Civis afegãos registraram fotos do evento com celulares. Apesar das condições extremas em temperatura e ambiente de alta ameaça, foram resgatados quase 2.100 civis (FOX, 2010).

Os helicópteros da NATC-A/FAA também prestaram apoio a várias missões humanitárias. Missões de transporte aéreo estratégico, a fim de acelerar a construção de um orfanato na Província de Badakhshan e fazer entrega de materiais didáticos doados por grupos internacionais às cidades de Bamiyan, Cabul, e Panjshir. Durante tais missões, os membros da NATC-A e da FAA fizeram contato com os residentes, que presenciaram a livre operação das Forças Armadas afegãs em quase todo o país (WILLI, 2013).

O contato pessoal dos tripulantes com a população local, durante a entrega de materiais didáticos, bem como durante a construção do orfanato serviu como uma prova tangível da boa vontade do governo, desacreditando, ao mesmo tempo, a propaganda do Talibã que descrevia o governo e os parceiros da coalizão como os inimigos.

Observamos ainda que no caso dos resgates os insurgentes deixaram de interferir, dado que acabariam por fazer propaganda a favor do governo, perdendo seu principal aliado, ou seja, o povo. A utilização de repórteres embarcados, bem como as imagens tomadas por populares a partir de celulares foi uma medida acertada do governo.

O emprego do poder aéreo sob este enfoque, ou seja, assistência a desastres, como resgate de civis de outro Estado, no qual se trava conflito irregular contra um grupo insurgente não havia sido previsto pelos teóricos do poder aéreo, assim como ações humanitárias. Veremos no próximo tópico o emprego da NATC-A/FAA em apoio as eleições e sua contribuição para legitimidade do governo afegão, tanto no país como em Estados vizinhos.

3.4.2.4 Apoio as eleições

Os helicópteros da NATC-A/FAA distribuíram e coletaram cédulas eleitorais durante a eleição do Parlamento Afegão em setembro de 2010 (BBC, 2010). Algumas regiões contavam com forte ação insurgente. Próximo a vila de *Dawlat Shah*, forças talibãs atacaram as aeronaves da FAA com pequenas armas e foguetes. Após a entrega das cédulas, o Talibã advertiu de que não deveriam voltar para recolhê-las. A NATC-A e a FAA, não intimidados, planejaram uma operação noturna para recolhimento das cédulas. Apesar de os poucos tripulantes qualificados para voar os Mi-17s durante a noite, do mau tempo e das ameaças do Talibã, dois Mi-17s, escoltados por dois AH-64s do exército estadunidense conseguiram cumprir a missão com êxito (WILLI, 2013).

Portanto, o apoio da FAA causou grande impacto frente a população, ilustrando o aumento de competência e proficiência das forças armadas e consequentemente do governo daquele país, aspecto este, também não vislumbrado na teoria do poder aéreo. A seguir observaremos o emprego do poder aéreo na ajuda ao sistema financeiro do país, permitindo a afirmação do governo perante sua população.

3.4.2.5 Serviços bancários

Os helicópteros da NATC-A/FAA foram chamados a serviço até para solucionar problemas que afetavam a estrutura econômica do país. Em setembro de 2010, clientes bancários, ansiosos, sacaram o equivalente a 180 milhões de dólares do *Kabul Bank* em dois dias. Portanto, a menos que os governos afegão/estadunidense agissem rapidamente, o colapso do sistema financeiro do país seria inevitável. O governo afegão decidiu realizar entregas de moeda aos bancos, em todo o país. O transporte terrestre era impossível, devido a apreensões relativas à segurança causadas pelos insurgentes. Desta forma a NATC-A/FAA recebeu a tarefa

de efetuar as entregas de valores. A maioria dos locais não possuía acesso às pistas de voo, conseqüentemente, os helicópteros foram chamados (FILKINS, 2010).

No caso acima seria difícil imaginar o efeito da falência da instituição financeira para o país, mas fácil imaginar o quanto perturbaria a imagem do governo, dado que serviria de munição para a propaganda insurgente talibã. Portanto, manter a solidez da instituição certamente manteria a legitimidade do governo. Passaremos agora as conclusões parciais do estudo do poder aéreo aplicado aos conflitos irregulares abordados neste capítulo.

3.5 Conclusões parciais

Como vimos a simples presença, real ou sugerida do meio aéreo dá a sensação aos insurgentes que não podem agir sem terem seus movimentos identificados.

Quanto ao bombardeio estratégico, este já havia sido condenado até mesmo pelos teóricos do poder aéreo, que concluíram que o martelamento incessante do inimigo não abala sua moral e vontade de lutar. Na guerra do Vietnã os EUA repetiram esta estratégia, tentando avançar nas negociações de paz. Pior, cometeram o erro de pausar os bombardeios. É como se a cada ataque aéreo não compreendido pelos norte-vietnamitas/vietcongues, trouxesse a tona novo ataque, cada vez mais intenso. No caso de guerra irregular o efeito parece ser pior do que nos conflitos regulares. O uso indiscriminado de bombas incendiárias e agente laranja, bem como erros nos lançamentos de bombas, os quais acabaram atingindo povoados sul vietnamitas, acabaram com efeito duplamente adverso aos EUA.

As imagens amplamente veiculadas na primeira guerra televisiva da história mostravam inocentes sendo mortos e os insurgentes sempre com a iniciativa das ações. Tais imagens serviram para a propaganda do IN contra a coalizão EUA/governo sul-vietnamita, fazendo com que o CG (povo) pendesse para o lado dos insurgentes. Como sabemos, o apoio

popular é essencial em guerras irregulares, não tendo sido diferente no Vietnã, onde os povoados serviam de apoio logísticos aos vietcongues. Para os EUA, os efeitos da mídia foram ainda mais devastadores, posto que “o feitiço virou contra o feiticeiro”, pois o que se esperava atingir com os ataques, ou seja, abalar a vontade de lutar do inimigo, despencou com toda a força na sociedade estadunidense, contribuindo fortemente para sua retirada do conflito.

No Afeganistão, o ambiente e política peculiar mostraram-se propícios ao amplo emprego do poder aéreo de asa rotativa em apoio às numerosas missões de COIN. Observamos que tudo depende de um governo central, eficaz e visível à população. O crescimento do poder aéreo, oferece um exemplo direto de tal governo em ação.

As bem-sucedidas operações de asa rotativa da NATC-A/FAA propiciaram ao governo condições para obter o apoio popular, levando segurança, cidadania e, conseqüentemente, obtendo legitimidade. O resgate de milhares de afegãos certamente fará com que esses indivíduos fiquem menos predispostos à insurgência e mais inclinados a oferecer sua lealdade ao governo. As fotos e vídeos do oficial de relações-públicas, bem como as imagens capturadas pela população civil com celulares e os materiais didáticos entregues as escolas pelos helicópteros da NATC-A/AAF talvez façam com que muitos chefes/lideranças locais se decidam pelo governo. Não resta dúvida de que a FAA é componente necessário às operações de COIN no Afeganistão. A aplicação do poder aéreo neste contexto não foi sequer vislumbrada pelos teóricos e será foco de nosso estudo no próximo capítulo.

4 APLICABILIDADE DO PODER AÉREO NOS CONFLITOS IRREGULARES

Neste capítulo verificaremos se os aspectos observados por Seversky em sua teoria do poder aéreo encontraram aplicação em conflitos irregulares, mais especificamente na guerra do Vietnã e nas ações da OTAN contra o talibã efetuadas no Afeganistão. Desta forma estruturamos a abordagem em três seções: a primeira versa sobre teoria versus realidade do poder aéreo no conflito irregular do Vietnã, a segunda que confronta teoria versus realidade na aplicação do poder aéreo nas ações da OTAN contra o talibã no Afeganistão e a terceira que apresentará conclusões parciais sobre os dois eventos.

4.1 Poder aéreo teórico x realidade na guerra do Vietnã

O entendimento da eficácia do bombardeio estratégico como instrumento político influenciou as operações aéreas no Vietnã (CLODFELTER, 2006). Tanto os assessores civis, quanto os militares do presidente Johnson acreditavam na eficácia de uma campanha de bombardeio estratégico contra o Vietnã do Norte. Os militares acreditavam em uma campanha curta e aguda para acabar com a vontade do inimigo. Os civis, por outro lado, defendiam ataques aéreos graduais, os quais infligiriam cada vez mais danos ao Vietnã do Norte, que perceberia que o custo de continuar a guerra seria muito alto (HOSCH, 2010).

Na Força Aérea dos EUA (USAF) predominava a ideia do golpe estratégico decisivo. McNamara¹⁶(1916-2009), por outro lado, não acreditava que um intenso bombardeio estratégico ao Vietnã do Norte conduziria ao rápido sucesso militar. Seu entendimento era que o bombardeio ao Vietnã do Norte tinha objetivos políticos: colapsar o moral e a autoconfiança dos Vietcongues no sul (CLODFELTER, 2006).

Portanto, sob a ótica da variável bombardeio estratégico, os militares se aproximaram da teoria, na medida em que desejavam pesados bombardeios, numa campanha

¹⁶ Oitavo Secretário de Defesa estadunidense, tendo servido sob as ordens dos presidentes Kennedy e Johnson (Biography, 2016).

curta e intensa. McNamara apostava na gradação dos ataques, por dois motivos principais: não acreditar em uma vitória militar rápida; e, conforme abordado no capítulo anterior, por acreditar que os EUA alcançariam sucesso nas negociações de paz, o que fez com que a campanha fosse interrompida diversas vezes. Enfim, a estratégia de ataques graduais, que foi levada a cabo no conflito, não logrou sucesso e encontrava precedente da teoria de Seversky de 1942, na medida que o autor cita as interrupções nos bombardeios como “pausas oportunas” para o inimigo se recuperar, tendo inclusive atribuído tais interrupções como um dos erros da *Luftwaffe* na “Batalha da Inglaterra”.

A forma como foi conduzida o bombardeio estratégico, sob alvos como depósitos de combustíveis, centros de geração de energia, objetivos militares, coaduna com o que era pregado por Seversky em sua teoria, que afirmava que os bombardeios sobre centros populacionais se mostraram um mito quanto ao objetivo de abalar a moral do inimigo. Para abalar o moral dever-se-ia atacar as fontes de suprimento. Entretanto, tais ataques não representaram impacto sobre a moral do inimigo na guerra do Vietnã.

O impacto dos bombardeios na capacidade do Vietnã do Norte de conduzir a guerra foi baixo, pois os soviéticos injetaram 1.8 bilhão de dólares em ajuda econômica e militar ao Vietnã do Norte e a China cerca de 2 bilhões (HOSCH, 2010).

Assim, os verdadeiros centros vitais econômicos estavam além das fronteiras autorizadas para a ação militar, não sendo possível um bombardeio verdadeiramente estratégico, como previsto na teoria do poder aéreo.

Os EUA bombardearam de maneira incessante 43,5 toneladas para cada km² no Vietnã, o equivalente a 227 kg de explosivos para cada pessoa (homem, mulher e criança) no país, sem entender as reais motivações pelas quais lutavam os vietnamitas (HANSON, 2002).

O exército do Vietnã do Norte, seria o centro de gravidade (CG) correto a ser atingido, entretanto, tal feito era impossível, por causa das restrições em invadir aquele país, o que, portanto, impediu a redução do fluxo de pessoal e material do norte para a guerrilha

vietcongue através de bombardeio (SMITH, 1994).

A operação *Rolling Thunder* tinha como objetivo interromper o fluxo de suprimentos do Vietnã do Norte para os guerrilheiros no sul. (HOSCH, 2010). Passamos a outra variável do nosso estudo, o bloqueio. Quanto ao bloqueio, os ataques graduais sobre o Vietnã do Norte demonstram que o interesse não era destruir capacidade econômica ou abalar o moral da população, mas sim forçar a mudança de atitude dos norte-vietnamitas quanto ao fornecimento de suprimentos aos insurgentes vietcongues. Portanto, parece patente que o bloqueio aéreo, aos moldes do que foi teorizado por Seversky, ou seja, cortando as linhas externas de comunicação, foi aplicado, embora sem sucesso, no Vietnã.

Os ataques aéreos conduzidos pelos EUA a rede de transporte logístico vietnamita eram ineficazes, pois, as demandas de suprimentos dos insurgentes eram pequenas e chegavam por caminhos alternativos.

A Operação *Rolling Thunder* foi uma campanha de interdição e bloqueio, pois 90% dos alvos eram relacionados a rede de transportes, a maioria deles localizado abaixo do paralelo 20°, portanto, bem abaixo dos centros de transporte e industriais de *Hanoi* e *Haiphong* (MEILINGER, 2003).

O Vietnã era um país essencialmente agrícola, portanto, bombardeio a indústria e aos centros vitais foi, na verdade, irrelevante (SMITH, 1994). Assim verificamos uma das razões do insucesso do bombardeio estratégico. O Vietnã do Norte era muito pobre. Nas análises de Seversky a paralisia do estado se daria, conforme vimos em sua teoria, na destruição do parque industrial e conseqüentemente da economia. O colapso econômico levaria ao colapso político e conseqüente rendição, ou aceitação dos termos na negociação de paz. Entretanto, o pensamento de Seversky se baseava em um país com características semelhantes aos EUA, ou seja, cuja indústria tinha grande importância para o Estado, o que, como vimos, não se processava no Vietnã.

Durante os bombardeios, o Vietnã do Norte aperfeiçoou seu sistema de transportes, criando redundância e meios alternativos, permitindo continuidade ao fluxo logístico em direção ao sul (CLODFELTER, 2006). O bombardeio ampliou o espírito de resistência no Vietnã do Norte (SMITH, 1994).

Destarte, confirmando Seversky em sua teoria, o bombardeio não teve impacto psicológico, outra variável considerada em nosso estudo. Pelo contrário, aumentaram a resistência do Vietnã do Norte. Sendo mais crítico, podemos afirmar que as imagens que circularam ao mundo, com crianças queimadas fugindo de um vilarejo atacado por bombas incendiárias, serviram, ao contrário do que propunham os teóricos do poder aéreo, para abalar o moral e a vontade de lutar do atacante (EUA) e não do inimigo.

Quanto ao emprego de asas rotativas, pudemos observar outras três variáveis pesquisadas no capítulo um e que serão confrontadas com a realidade apresentada no capítulo dois. Tais variáveis seriam a superioridade aérea, a qualidade x quantidade e se uma força aérea pode ser combatida somente por outra força aérea.

As forças estadunidenses voaram 37 milhões de surtidas de helicópteros ao longo de todo o conflito, enquanto a aviação de asas fixas realizaram 1,24 milhão de surtidas (TOWLE, 1989). Portanto, relativo a variável superioridade aérea, conforme o número de surtidas observado acima, bem como os mais de 11000 aparelhos de asas rotativas empregados, denotam que os EUA obtiveram o domínio dos ares. Entretanto, conforme estudamos, quase 5000 aparelhos foram perdidos. Em que pese o fato de que somente 2076 terem sido abatidos por fogo inimigo, resta o questionamento, quando confrontamos com a teoria de Seversky, se os EUA realmente obtiveram superioridade aérea. Os insurgentes não possuíam aviação para se contrapor ao poder aéreo dos EUA, entretanto, com uso de lançadores de foguetes portáteis e lança-granadas conseguiram infligir uma perda da ordem de quase 20% dos meios aéreos empregados pelos EUA. Com isso, podemos também responder outra variável que havíamos escolhido para abordar, qual seja, a qualidade x quantidade, não podendo confirmar totalmente

a teoria no exemplo histórico pesquisado.

Seversky afirmava que a uma força aérea só se combatia com outra força aérea, bem como, que, em aviação, qualidade é mais importante do que quantidade, quando mostrava a taxa de quase 8 para 1 quanto as perdas da *Luftwaffe* para o caça britânico *Spitfire* durante a clássica batalha da Inglaterra. Nossa pesquisa concluiu que, no caso do conflitos irregulares no Vietnã, isto não se procedeu, pois os IN, mesmo sem aviação para se contrapor ao poderio aéreo estadunidense, bem como com quantidade e qualidade muito inferior aos meios empregados pelos aliados (helicópteros x lança-foguetes) conseguiram imprimir um percentual elevado (20%) de baixas.

O restante de helicópteros perdidos representaram 45% do total empregado. A causa dos acidentes foram o ambiente operacional, ou seja, relevo, monções (meteorologia), etc. Este aspecto também não foi observado na teoria de Seversky. O teórico simplesmente desconsidera em toda sua obra os fatores meteorológicos para o emprego da arma aérea. Neste confronto com a realidade observamos o quanto o poder aéreo é suscetível a fatores como meteorologia e relevo (locais de pouso e desempenho reduzido quanto maior a altitude), apresentando grande influência nos planejamentos tanto por parte dos IN quanto dos COIN. Na próxima seção seguiremos com a confrontação entre a teoria do poder aéreo e a realidade da aplicação deste poder pelas forças da OTAN no Afeganistão.

4.2 Teoria x realidade na aplicação do poder aéreo nas ações da OTAN no Afeganistão

No capítulo dois, abordamos no item 2.6, o tópico “posse ou eliminação”. Nele Seversky apresenta a flexibilidade de emprego do poder aéreo e explica as duas formas de aplicá-lo. No caso de missões de COIN, como pesquisamos nas ações da OTAN no Afeganistão, as operações foram levadas para o lado da posse. Os IN levam a efeito ações

tentando desacreditar o governo e com isso conseguir apoio junto a população relevante, fazendo uso deste apoio, para se deslocar no terreno e conseguir o seu apoio logístico.

Assim, em um dos raros momentos de sua teoria, na qual considera alguma dependência do poder aéreo aos demais poderes, Seversky afirma que, nos casos de posse, eram necessárias operações coordenada com forças terrestres. No caso estudado no Afeganistão, pudemos confirmar esta teoria. As ações COIN realizadas pela NATC-A/FAA eram coordenadas com demais forças terrestres do Estado Afegão.

Neste ponto de nosso estudo também encontramos um aspecto não observado por Seversky em sua teoria do poder aéreo, ou seja, o uso da arma aérea como ferramenta do Estado para sua legitimidade junto a população. O uso da variável transporte aéreo em benefício de um terceiro (populações relevantes) foi diferente do uso apresentado na teoria, pois contemplava transporte de pessoal e material não somente em benefício de nossas forças, como também de cédulas eleitorais, material didático, resgate de vítimas civis, construção de orfanato, em benefício, com afirmado, de um terceiro. Impensável, há época, para o teórico, imaginar que missões deste tipo pudessem ser realizadas com a população relevante, como uma ação contra o inimigo.

Nas ações do Afeganistão, relativo a variável superioridade aérea local, como observamos no capítulo anterior, os IN não possuem poder aéreo, entretanto, a simples ameaça de ações contra os helicópteros da NATC-A/FAA, durante as eleições, fizeram com que fosse realizado planejamento de voos noturnos, a despeito da incipiente capacidade de realizar operações aéreas noturnas daquela força. Pela teoria de Severky, possuindo superioridade aérea, posso me “aventurar” sobre terra ou sobre mar com a certeza da vitória. Nos casos de conflitos irregulares, não foi assim que observamos, pois é fácil imaginar a derrota no nível político/estratégico que os IN conseguiriam impor ao governo, caso conseguissem mostrar a população a incapacidade do Estado em conduzir o importante e legitimador processo eleitoral. Encerrando as análises deste capítulo, passaremos as conclusões parciais.

4.3 Conclusões parciais

Desejado pelos líderes militares, o bombardeio estratégico, teve a campanha no Vietnã do Norte interrompida, atrasada e modificada pela liderança civil, cuja preocupação era não envolver China e a ex-URSS no conflito, bem como não desagradar a opinião pública estadunidense. Entretanto, ela não foi, essencialmente, uma campanha de bombardeio estratégico, pois não atingia de fato os centros vitais, as veias jugulares, aos moldes da teoria, primeiro porque tais alvos estavam além das fronteiras autorizadas para o ataque, segundo, porque, como vimos, o Vietnã era muito pouco dependente de seus próprios suprimentos, dependendo muito mais dos grandes aportes injetados por chineses e soviéticos.

Outra variável estudada, o bloqueio aéreo, pode ser observado em nossa pesquisa relativo a guerra do Vietnã. Durante a Operação *Rolling Thunder*, observamos que o objetivo dos EUA era a interrupção do fluxo de material e de pessoal do Vietnã do norte para o Vietnã do Sul, por meio de ataques às concentrações de tropas e a ação de impedir o movimento de soldados e suprimentos por estradas e ferrovias. Diferentemente do que previa Seversky em sua teoria, o bloqueio não foi efetivo, dado a baixa necessidade de suprimentos dos insurgentes, bem como a multiplicação de caminhos alternativos que permitiram a manutenção logística até a guerrilha vietcongue.

No tocante as asas rotativas no Vietnã, pudemos verificar as variáveis superioridade aérea, qualidade x quantidade e que só se contrapõe poder aéreo com poder aéreo. Quanto a superioridade, ficou patente que possuí-la não significa ganhar o conflito, conforme fora apresentado na teoria de Seversky. As “cavaliarias aéreas” dos EUA eram maiores e qualitativamente superiores ao inexistente poder aéreo IN dos vietcongues, entretanto, estes conseguiram infligir baixas da ordem de 20% ao poder aéreo estadunidense de asas rotativas, com meios qualitativamente inferiores, como lançadores de granadas e foguetes. Aspectos como meteorologia e relevo, dentro do ambiente operacional foram completamente ignorados

por Seversky e se mostraram muito importantes na prática, visto que foram responsáveis por 45% das perdas de asas rotativas dos EUA.

Vale também uma ressalva quanto a variável psicológica das ações aéreas. Em teoria, conforme estudamos, a ação de bombardeios estratégicos contra centros vitais e veias jugulares do inimigo levariam a rendição, dado que as populações relevantes, sem as facilidades da vida moderna, prefeririam a invasão e a derrota, do que o incessante “martelamento” aéreo. No Vietnã, esta variável psicológica funcionou às avessas, na medida que atuou na população dos EUA, dado as transmissões de imagens e notícias que circularam o mundo e acabaram afetando o moral e vontade do povo estadunidense em continuar o conflito, negando desta forma a teoria.

Em que pese serem raros os momentos em que o teórico aceita algum grau de dependência do poder aéreo às forças em terra, nas ações da OTAN contra o talibã no Afeganistão, pudemos comprovar a necessidade de operações conjuntas, para o atingimento do objetivo, ou seja, legitimar o governo junto a população relevante, conquistando desta forma corações e mentes, comprovando a teoria.

Ainda no Afeganistão nossa pesquisa concluiu que a varável transporte aéreo foi aplicada junto ao CG, ou seja, a população local, num viés até então não vislumbrado pelo teórico.

Observamos que a possibilidade de ação dos IN, ainda que sugerida, durante os apoios prestados pela NATC-A/FAA às eleições fizeram com que o planejamento da operação cambasse para o lado das operações noturnas, para as quais as forças ainda não estavam totalmente preparadas, mas que num jogo de custo x benefício apresentaram melhores resultados do que o risco do abate de algum helicóptero e principalmente das implicações disto na perda de credibilidade do processo eleitoral e consequentemente do governo como um todo. Passaremos assim ao próximo capítulo, onde concluiremos nosso estudo.

5 CONCLUSÃO

Desde seu surgimento, o poder aéreo exerce papel relevante nos conflitos convencionais. O objetivo deste trabalho foi responder se há aplicabilidade do poder aéreo, aos moldes da teoria de Seversky, em cenários de guerra irregular, consideradas as variáveis de superioridade aérea, bombardeio estratégico, bloqueio aéreo, qualidade x quantidade, aspectos psicológicos e transporte aéreo. O propósito da pesquisa foi o de confrontar a teoria de Seversky com a realidade histórica da Guerra do Vietnã e das ações da OTAN contra o talibã no Afeganistão. Respondemos ao questionamento, pela extensa lista de missões executáveis pelo poder aéreo na guerra irregular, onde foi possível perceber sua importância e aplicabilidade. Apesar de a pesquisa não ter como resultado a afirmação categórica na prática da teoria clássica, dado que nem todas as variáveis selecionadas para estudo puderam ser confirmadas, há que se levar em consideração as constantes e atuais evoluções dos conflitos irregulares em especial sua vertente IN, bem como a natural evolução da teoria aérea. O objetivo do estudo foi comprovar que, mesmo hoje, em cenários de conflitos irregulares, a clássica teoria do poder aéreo ainda encontra espaço. Respondemos, pois, nossa questão de pesquisa de que há aplicabilidade para o poder aéreo em conflitos irregulares, não exatamente como propugnado pelos teóricos clássicos, aqui representados por Seversky, mas definitivamente sim, o “versátil” poder aéreo tem aplicação em conflitos irregulares.

No primeiro capítulo de desenvolvimento, apresentamos um breve histórico do teórico e sua teoria, onde nos foram apresentados os conceitos de guerra aérea total, e de posse ou eliminação. Desta forma vimos que um Estado precisaria estar em condições de defender-se de ataques aéreos de todas as direções, tanto física quanto psicologicamente, desferir golpes em todas as direções, o que só seria possível através da guerra aérea total. O teórico apresenta o conceito de bloqueio de três dimensões, mais eficaz, dada sua capacidade de atingir as linhas de comunicação de um país. Neste contexto, explica que um poder aéreo eficaz deve ter forte

capacidade de transporte de pessoal e material. A conquista do domínio dos ares acima das áreas marítimas e terrestres nos familiarizou com o conceito de superioridade aérea, condição essencial para vitória.

Ainda neste capítulo o teórico afirma que ao poder aéreo só é possível se contrapor com igual ou maior poder aéreo, sendo ainda digno de registro que qualidade é mais decisiva que quantidade em aviação. Só o bombardeio de precisão poderia destruir o moral do inimigo, sendo a idéia de que o castigo aéreo sobre as populações afetaria o moral do povo, infundada, com ataques cada vez mais concentrados em objetivos militares.

No segundo capítulo de desenvolvimento, iniciamos o estudo explorando o conceito de Guerra Irregular, fontes de IN e princípios da COIN. Estudamos a COIN no Vietnã e as ações da OTAN contra o talibã no Afeganistão. Vimos que a simples presença da aviação dá a sensação aos insurgentes que não podem agir sem terem seus movimentos identificados. O bombardeio estratégico, que havia sido condenado até mesmo pelos teóricos do poder aéreo, foi, mais uma vez infrutífero como observamos na guerra do Vietnã. Nos conflitos irregulares o efeito demonstrou ser pior que nos conflitos regulares. Imagens emblemáticas como a de uma criança com o corpo queimado fugindo de uma vila bombardeada serviram para a propaganda do IN contra a coalizão EUA/governo sul-vietnamita, fazendo com que o CG (povo) pendesse para o lado dos insurgentes. A consequência foi a retirada dos EUA do conflito dada a forte pressão interna emanada de sua própria população.

Também no segundo capítulo de desenvolvimento, estudando o Afeganistão, observamos ambiente fértil para o emprego do poder aéreo de asa rotativa em apoio às missões de COIN. O crescimento do poder aéreo oferecia um exemplo da ação do governo junto a população. Missões bem-sucedidas, como o resgate de milhares de afegãos levaram segurança, cidadania e, conseqüentemente, obtiveram legitimidade. Ficou patente a necessidade do poder aéreo nas operações de COIN no Afeganistão, entretanto, tal aplicação não havia, sequer, sido vislumbrada pelos teóricos.

No terceiro capítulo de desenvolvimento confrontamos teoria com as realidades históricas observadas no Vietnã e no Afeganistão. No Vietnã do Norte, o bombardeio estratégico teve a campanha interrompida, não podendo ser considerada, essencialmente, uma campanha de bombardeio estratégico, visto que não atingia os centros vitais. Quanto ao bloqueio aéreo, durante a operação *Rolling Thunder*, devido a baixa necessidade de suprimentos dos IN e a multiplicação de caminhos alternativos, vimos que o mesmo não foi efetivo, negando desta forma o que havia sido teorizado por Seversky. Quanto as asas rotativas no Vietnã, relativo a superioridade aérea, ficou patente que possuí-la não significa ganhar o conflito, também em desacordo com a teoria de Seversky. As “cavalarias aéreas” dos EUA eram maiores e qualitativamente (outra variável) superiores ao inexistente poder aéreo IN dos Vietcongues, entretanto, tal superioridade não impediu baixas da ordem de 20%, impostas com meios como lançadores de granadas e foguetes. Aspectos como meteorologia e relevo, dentro do ambiente operacional, foram completamente ignorados por Seversky e se mostraram demasiadamente importantes, infligindo pesadas perdas. Na variável psicológica das ações aéreas, em teoria, a ação de bombardeios estratégicos contra centros vitais levaria a rendição. No Vietnã, esta variável funcionou às avessas, pois atuou na população dos EUA (transmissões de imagens e notícias) afetando a moral e vontade do povo em continuar o conflito, negando desta forma a teoria.

No Afeganistão a variável transporte aéreo foi aplicada junto ao CG, ou seja, a população local, num viés também não vislumbrado na teoria. Observamos que a possibilidade de ação dos IN, durante os apoios prestados pela NATC-A/FAA as eleições, fizeram que a operação cambasse para o lado das operações noturnas, para as quais as forças ainda não estavam preparadas, mas que, num jogo de custo x benefício, apresentariam melhores resultados do que o risco do abate de algum helicóptero e das implicações na perda de credibilidade do governo. Resumindo, ter supremacia aérea sobre o terreno não implicou na vitória ou no prosseguimento das ações, diferente da teoria.

Nossa pesquisa teve enfoque nas variáveis da superioridade aérea, bombardeio estratégico, bloqueio, qualidade x quantidade, aspectos psicológicos do poder aéreo e transporte aéreo, não sendo possível, entretanto o estudo de todas as variáveis do poder aéreo em conflitos irregulares. Sugere-se assim, para trabalhos futuros, uma análise de outras variáveis ou de outros modelos teóricos.

A pesquisa é relevante para o conhecimento, na constatação da inadequação de algumas teorias, técnicas e procedimentos que, consagrados em operações de guerra convencional, necessitam de adaptação para a realidade da Guerra Irregular. Consideramos relevante também as operações conjuntas, não só com os demais elementos do Poder Militar, mas também com os elementos do Poder Nacional, dado a importância das ações integradas destes elementos na resolução de movimentos IN, sendo desta forma importante também para a Marinha do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Max. *Batalha de Dien Bien Phu: vitória vietnamita marcou início de queda do colonialismo francês*. Acessado em: 18 de julho de 2016. Disponível em: www.operamundi.uol.com.br/conteudo/samuel/38451/Batalha+de+dien+bien+phu+vitoria+vi+etnamita+marcou+inicio+de+queda+do+colonialismo+frances.shtml&SyAxxOu.

ARREGUIN-TOFT. *How the weak win wars: A theory of asymmetric conflict*. International Security, Vol. 26, No. 1, Summer 2001.

BBC. *Afghanistan Avalanches Kill at Least 165 in Salang Pass*, BBC News, Acessado em: 30 de julho de 2016. Disponível em: news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/8506033.stm.

CANN, John. *Contra-subversão em África*. Lisboa: Prefácio, 2005.

CLODFELTER, Mark. *The Limits of Air Power*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2006.

COOK, Nicolas. *Diamonds and Conflict: Background, Policy and Legislation*. Washington D.C: Congressional Research Service, 2003.

CORDEIRO, Tiago. *Vietnã: da guerrilha ao confronto aberto*. Acessado em 18 de julho de 2016. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/vietna-guerrilha-ao-confronto-aberto-435072.shtml>.

CORDESMAN, Anthony. *Terrorism, Asymmetric Warfare and Weapons of Mass Destruction*. Westport: Praeger Publishers, 2002.

DONOVAN, Nick. *Countries at risk of instability: Risk factors and dynamics of instability*. London, United Kingdom: Prime Minister's Strategy Unit, 2005.

EUA . *Central Intelligence Agency, "Afghanistan," The World Factbook*, Acessado em junho de 2016, disponível em: www.cia.gov/library/publications/the-worldfactbook/geos/af.html.

_____. *FM 3-24/MCWP 3-33.5, C1 - Insurgencies and Countering Insurgencies, 2014*

_____. *Joint Evaluation Group, Vietnam Operational Evaluation of Armed Helicopters. Vietnam: 1963. Glen Helm Collection. Disponível em: <http://www.virtualarchive.vietnam.ttu.edu>. Acessado em 18 de julho de 2016.*

_____. *Joint Publication 1-02, Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms, 2010*. Acesso em: Jun 2016 Disponível em: [ww.dtic.mil/doctrine/new_pubs/jp1_02.pdf](http://www.dtic.mil/doctrine/new_pubs/jp1_02.pdf)

_____. *Unites States Army Aviation School, Common Subjects and Referency Data for Army Aviation in the Field Army*, Ft Rucker, AL: 1968. Acessado em junho de 2016. Disponível em: www.virtualarchive.vietnam.ttu.edu.

FILKINS, Dexter. *Depositors Panic over Bank Crisis in Afghanistan*, New York Times. Acessado em: 30 de julho de 2016. Disponível em: www.nytimes.com/2010/09/03/world/asia/03kabul.html.

FOX, David. *Dozens Killed and Stranded by Afghanistan Floods*. Acessado em 30 de julho de 2016. Disponível em: www.reuters.com/article/2010/07/31/us-afghanistan-floodsidUSTRE66U0PM20100731.

FREUND, Julien. *Sociología del conflicto*. Madrid: Ediciones Ejército, 1995.

GAIOLA, Afonso. *A Efectividade do Poder Aéreo em Conflitos Irregulares*. Acessado em 30 de julho de 2016. Disponível em: www.iesm.pt/cisdi/boletim/Artigos/B9_3.pdf.

GATES, Robert. *A Balanced Strategy: Reprogramming the Pentagon for a New Age*. Acessado em: Jul 2016. Disponível em: www.jmhinternational.com/news/news/selectednews/files/2009/01/20090201_20090101_ForeignAffairs_ABalancedStrategy.pdf.

HANSON, Victor. *Por que o Ocidente venceu: massacre e cultura – da Grécia antiga ao Vietnã*. Tradução Fernanda Abreu. Rio de Janeiro, Ediouro, 2002.

HOSCH, William. *The Korean War and the Vietnam War. People, Politics, and Power*. New York, Britannica Educational Publishing 2010.

JONES, Anthony. *Investigation of the Abu Ghraib prison and 205th Military Intelligence Brigade* 20. Disponível em: <http://www4.army.mil/ocpa/reports/ar15-6/AR15-6.pdf>. Acessado em: Mai. 2016.

JONES, Seth. *Counterinsurgency in Afghanistan*. Santa Monica: Rand Corporation, 2008.

LUIZ, André. *Ecos da Segunda Guerra*, Acessado em: 13 de julho de 2016. Disponível em: www.segundaguerra.net/blitzkrieg-a-temida-guerra-relampago.

MAGNOLI, D. (org). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.

MCNAMARA, Robert. Disponível em: www.biography.com/people/robert-s-mcnamara-9394201. Acessado em 27 de julho de 2016.

MEILINGER, Phillip. *Airpower: myths and facts*. Montgomery, Air University Press, 2010.

OTAN – AJP-01(D), *Allied Joint Doctrine*, 2010

TAW, Jennifer; HOFFMAN, Bruce – *The Urbanization of Insurgency: The Potential challenge to U.S. Army Operations*. Santa Monica: Rand Corporation, 1994.

SMITH, John. *Rolling Thunder. The strategic bombing campaign – North Vietnam – 1965 – 1968*. St. Paul, Air Research Publicati, 1994

STANTON, Shelby. *Vitnam Order of Battle*, Washington, DC, U.S Books, 19

TOLSON, John. *Vietnam Studies: Airmobility 1961-1971* Washington, DC: Department of the Army, 1999.

VICK, Alan. *Air Power in the new Counterinsurgency Era*. Santa Monica: RAND Corporation, 2006.

WILLI, Bernie. *Air & Space Power Journal*, 2013. Acessado em 27 de julho de 2016. Disponível em: www.au.af.mil/au/afri/aspj/apjinternational/apj-p/2013/2013-1/2013105willi.pdf.